

NEW YORK TIMES BESTSELLER
NICOLE BLANCHARD

**T
Ó
X
I
C
O**

TRADUÇÃO · Maria Inês Ramos

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro apresenta conteúdo que pode ser perturbador para leitores sensíveis. Tenha em mente que *Tóxico*, por ser um romance sombrio sobre temas tabu/proibidos, possui os seguintes gatilhos:

Relações duvidosas ou não
consentidas

Elogios

Herói perfurado

Sexo anal

Coação

Bondage

Violência doméstica/abuso

Violência gráfica

Sangue/*gore*

Manipulação psicológica

Conteúdo sexual

Assassinato

Chantagem

Perseguição

Sexo junto a um cadáver

Sequestro

Tortura

Gravidez/aborto espontâneo

Heroína em cativeiro

Para todas as boas raparigas com um lado sombrio

Um

Certas manhãs acordo sem fazer a mínima ideia de que dia da semana é, e sinceramente nem quero saber. Por vezes, passo longos períodos sem olhar para o calendário. Prefiro assim.

Há menos hipóteses de albergar a esperança de ter uma vida melhor se todo o vazio se unir numa só névoa.

Por cima de mim, o meu marido labora o meu corpo com movimentos treinados e familiares aos quais respondo, ainda que por puro hábito. Inclina a sua cabeça para o lado, cuidadosamente, para não ter de me olhar nos olhos. Como ele já me disse inúmeras vezes, «Foder não tem de ser pessoal para ser eficaz». De alguma forma, ele ensinou o meu corpo a acreditar nele. Tocou-o e afinou-o tão bem como um músico afina o seu instrumento. Ele molda-me e ajusta-me a seu gosto, e eu deixo-o até não ser nada mais do que uma coisa que ele programa para satisfazer o seu próprio prazer, a sua rainha porno personalizada ou o seu robô sexual de carne e osso. É espantoso que alguém tão maltratado continue a responder ao seu agressor.

O raspar suave do seu corte de cabelo à escovinha roça num dos lados do meu rosto. É uma irritação que não me atrevo a evitar. O cheiro a sexo, almíscar e lubrificante preenche-me o nariz, por isso, gemo pela boca. Ele gosta de me ouvir emitir sons, mesmo que seja mais para seu benefício do que propriamente o resultado de uma reação genuína ao que ele está a fazer entre as minhas pernas.

Os seus dedos ferem a pele dos meus pulsos com a mesma facilidade com que esmagariam a carne delicada de um pêssego. Dedos que antes eram uma fonte de prazer, agora provocam devastação. Os movimentos do Vic aceleram-se perante o meu choramingar estrangulado, até que começa a penetrar-me a um ritmo implacável. Levanto as minhas ancas ao mesmo tempo do que as dele, nem que seja só para dar vida a uma

faísca que garantidamente queimará o nada em que a minha existência se transformou. Faço o que for preciso para esquecer.

Cada investida da sua pila mistura dor e prazer, até eu deixar de conseguir distinguir um do outro, acabando por se tornarem na misteriosa escuridão que passei a conhecer e a apreciar. Recebo-a, ansiando que ela me envolva no seu conforto sombrio.

Mas os seus grunhidos puxam-me na direção oposta, trazendo-me de volta à realidade. A cada uma das suas agudas exalações o meu prazer desaparece, a ponta afiada do oblívio é embotada por aquela lembrança irritante. Como uma comichão que não é coçada. Quero arranhá-lo e ros-nar, mas em vez disso torço os punhos contra a colcha felpuda e cerro bem os olhos, fechando-os até a humidade começar a escorrer pelos seus cantos e descer pelas minhas bochechas molhando a fronha. Na mesinha de cabeceira ao nosso lado dispara o alarme do despertador, e eu conto mentalmente os longos minutos até o meu marido terminar, para o poder alcançar e desligar.

Com os seus braços como uma gaiola implacável à minha volta, ele endurece por cima de mim e geme. A promessa de oblívio desvanece-se, levando consigo a feliz sensação do vazio. O sinal sonoro perfura a prometida névoa de alívio e a realidade volta a aparecer. O suor que une os nossos torsos recorda-me do quão suja eu me sinto, mas sei que é melhor não me mexer; é melhor esperar que ele saia de cima de mim.

Quando ele o faz, rolo para o meu lado da cama, emitindo sons de agradecimento quando ele me pergunta se foi bom para mim, e depois vou tomar um duche e preparar-me para começar mais um dia. Repito mentalmente a lista de tarefas a fazer até senti-lo apoiar o seu peso todo numa mão e depois atirar-se para o lado, exalando outro grunhido. Solto um suspiro de alívio e cubro-me com um lençol. Há muito que já perdi a vergonha diante dele, mas há uma parte de mim – lá no fundo – que precisa sempre de fugir e de se esconder.

Ele deixa-se cair de costas com um gemido de satisfação e apalpa a sua barriga com uma mão carnuda.

– Precisas de um duche – diz. – Estás com mau aspeto.

Mais uma das suas provocações nada subtis. Engulo a minha resposta zangada e digo-lhe que sim. A atenção dele desvia-se para o cheiro

de café a ser preparado lá em baixo. Quando ele se levanta da cama, a minha respiração e o meu ritmo cardíaco voltam ao normal, e começo logo a contar os segundos para poder continuar o meu dia, mesmo que amanhã de manhã tenha de recomeçar tudo outra vez.

Dirige-se à cadeira da secretária, pega no seu roupão e coloca-o à volta dos ombros. Sem mais palavras, ou um olhar para trás ou mesmo uma demonstração de preocupação pelo facto de eu não ter atingido o clímax, sai do quarto e desaparece no corredor. Passados alguns segundos, ouço o som de armários a abrir, seguido do clique da chávena de café dele a pousar na bancada e depois o som de um líquido a escorrer.

Afasto o desconforto e remeto-o para o fundo dos meus pensamentos (como faço com tudo o resto) e vou tomar um duche. A água quente não lava muito, além do suor agarrado à minha pele. Nunca percebi as pessoas que acham que os duches as deixam limpas. Quando saio, sinto-me tão suja como quando entrei. Há coisas que a água e o sabão não conseguem lavar.

Visto a minha farda hospitalar simples, bata e calças cinzentas, seco o meu longo cabelo escuro com o secador até ficar liso e depois amarro-o na nuca, num carrapito severo. Ponho corretor só nas manchas cor de lavanda por baixo dos olhos e um pouco de rímel nas pestanas, mais por hábito do que por qualquer preocupação real com o meu aspeto físico. Menos é mais. A última coisa de que preciso é de chamar a atenção sobre mim. A do Vic ou de qualquer outra pessoa. Tornei-me muito hábil a passar despercebida.

Com uma respiração tranquila, viro as costas ao espelho e vou ter com ele à cozinha. Ele senta-se à mesa com o jornal aberto à sua frente, a chávena de café fumegante ao lado do cotovelo. É uma manhã típica. Quase pitoresca. O sonho americano chapado. Só faltam os dois filhos e meio e o *golden retriever*.

Encho um termo com café e agarro numa banana para matar a fome.

– Tem um bom dia de trabalho – digo-lhe com a cabeça inclinada, enquanto passo por ele rumo à porta.

Ele detém-me com uma mão no meu braço e aproxima o rosto do meu. Eu satisfaço-o com um beijo para o ouvir dizer, «Vemo-nos ao jantar». A ameaça subjacente do que irá acontecer caso eu me atrase,

Dois

Há cinco anos que sou enfermeira na Prisão de Blackthorne e lidar com reclusos, desde os mais dóceis aos mais mortíferos, não é novidade para mim. Mas nenhum dos truques do ofício que aprendi me ajuda a acalmar o pânico que sinto quando um deles decide dirigir a intensidade da sua atenção para mim.

– Disseram-lhe para esperar aqui pelo exame médico de admissão? – perguntei, ficando grata quando a minha voz não denunciou o meu súbito nervosismo.

Ele levanta um ombro, o material do seu fato de macaco manchado de sangue farfalha e o som ecoa pela silenciosa sala de exames.

Apesar dos sinais de aviso a perpassarem-me o espírito, dou passos cuidadosos em frente até chegar ao fim da mesa de exames onde ele está empoleirado. A maioria dos homens que aqui vêm para receber cuidados sabe ser proibido interpelar o pessoal da equipa médica, mas há sempre a possibilidade de hoje ser o dia em que um deles decide tentar a sua sorte. Por isso, quando pego na prancheta pendurada ao fundo da cama com a informação dele, faço-o mantendo-me sempre de olho nele. Algo me diz que virar-lhe as costas seria má ideia.

Depois de alguns passos cuidadosos para trás para permitir algum espaço muito necessário entre nós, dou uma olhadela à sua ficha. Não tem um nome, apenas número de recluso, o que me faz gelar as entranhas e me tira quaisquer dúvidas sobre o quão perigoso ele é.

Provavelmente tem que ver com o sangue.

Muitos reclusos envolvem-se em lutas com outros reclusos ou agentes durante o transporte, mas alguém o deve ter remendado a meio do caminho. Tem uma ligadura no nariz presa por fita-cola que vai até às maçãs do rosto. O sangue na boca deve ser de um dente que lhe foi arrancado, talvez? Ou um corte no lábio. De qualquer forma, não há nada

que precise da minha atenção imediata, mas serve para lembrar que devo ser cautelosa.

– Consta aqui que não preencheu o formulário do histórico clínico antes de o transferirem para cá.

Ele confirma com um acenar de cabeça.

– Muito bem, vamos começar por aí.

Dirijo-me à minha secretária e instalo-me no meu espaço.

– Recebe cuidados médicos por causa de alguma doença ou problema de saúde específico?

Ele abana a cabeça e eu anoto-o. Além dos arranhões e das nódoas negras, não preciso que a avaliação me diga que ele está de perfeita saúde. Ele exala vitalidade, incitando a minha aproximação. Anos de aprendizagem nas mãos do Vic obrigam-me a manter a distância, mas não consigo deixar de pensar como seria ter a atenção deste homem sobre mim num cenário bem diferente.

Volto a olhar para o questionário para redirecionar os meus pensamentos. À medida que as engrenagens do meu cérebro param, bato com a caneta na lateral da prancheta, tentando em vão reunir os cacos do meu profissionalismo.

– Está a tomar algum medicamento com ou sem receita médica?

Ele abana novamente a cabeça e ocorre-me que podemos passar a entrevista toda sem que ele diga uma palavra.

E passamos.

Ele responde a todas as perguntas com um aceno ou um abanar de cabeça. Fico a saber que nunca foi submetido a uma grande cirurgia, não tem alergias e não tem antecedentes familiares de doenças graves, sem nunca saber o seu nome ou como é o som da sua voz.

Quando chego ao fim do questionário sobre o histórico clínico, deixo de me preocupar com a possibilidade de ele tentar alguma coisa. Se ele me quisesse magoar, já o teria feito. Já fiz estes exames de admissão milhares de vezes, por isso, assim que entro no ritmo, torna-se mais fácil esquecer a minha primeira impressão dele, bem como a minha curiosidade, e seguir apenas os procedimentos.

– Agora, vamos até à balança, para que possamos registar o seu peso atual.

Ele grunhe, o que eu entendo como um acordo, e com a cabeça indico-lhe a balança junto à porta do gabinete. Apesar do seu volume, ele move-se com a graça de um felino ao atravessar a sala. A balança faz barulho quando ele sobe, e eu ocupo-me a ajustar as medidas e a tomar nota.

Quando volto a olhar para cima, tenho de abafar um suspiro, porque ele está a olhar para mim com uma intensidade surpreendente. A curiosidade flagrante torna o seu olhar aguçado e faz com que o meu estômago se revolteie de nervos e excitação como já não acontecia há anos. Se eu cedesse e agisse sobre este tipo de sensação, podia colocar-me em dez tipos diferentes de problemas com a polícia federal.

– Ui, agora vamos lá ver a tua altura.

Indico a fita métrica afixada na parede ao nosso lado e ele aproxima-se obedientemente, enquanto me olha com uma expressão intrigada, como se eu fosse um problema que ele está determinado a resolver. Ele submete-se à minha manipulação, enquanto registo a sua altura. Um metro e oitenta de macho animal sobre põe-se ao meu metro e sessenta e nove.

Sem pensar, arregaço as mangas compridas da minha bata enquanto registo as suas medidas, e verifico o relógio numa desesperada contagem decrescente para o meu primeiro intervalo. Acabei de chegar e já estou impaciente para que cheguem as dez e meia e eu possa ter quinze minutos de solidão.

Um arrepio percorre-me a espinha e, como a presa que sou, congelo antes de me obrigar a olhar para a porta de entrada. Espero encontrar o Vic ali parado a observar-me. É a única explicação possível para o facto de todo o meu corpo ter congelado, e esta necessidade urgente de fugir ter tomado conta de mim. Examino a sala, certa de que ele está ali à espera de que eu faça algo de errado. Algo como respirar sem a sua autorização. Em vez de ser o meu marido a olhar para mim, é a atenção do recluso que está a causar o meu pânico. O meu olhar segue o dele e, quando reajo e me mexo para esconder os meus pulsos, os músculos dele contraem.

Os meus pulsos estão cobertos de nódoas negras e arroxeadas, devido à forma violenta com que o Vic me agarrou esta manhã, na cama. O suor acumula-se no meu lábio superior e os meus ouvidos zumbem. Congelada de êxtase, não consigo pensar numa resposta ou desculpa adequada – não

que, de entre todas as pessoas, seja preciso dar-lhe uma explicação. Depois de um momento de pausa carregado de *suspense*, em que os meus olhos se cruzam com os dele, viro-lhe as costas e dirijo-me à enfermaria para chamar os guardas, para que venham buscar o seu prisioneiro. Como parece que estamos sempre com falta de pessoal, não é raro que eles se dividam entre as duas salas e, neste momento, estou a amaldiçoar isso com todas as minhas forças.

Mas não chego a conseguir ir tão longe.

Devia ter percebido logo. Desde que entrei na sala, todos os meus instintos me diziam para não baixar a guarda, porque no preciso momento em que eu tirasse os olhos dele, ele atacaria.

E, caramba, é exatamente isso que acontece.

No longo espaço de um momento que se esticou no tempo, ele ergue-se tão perto das minhas costas que eu sou envolvida pelo seu calor. Ele prende-me entre o corpo dele e a parede, a sua frente nas minhas costas. Um medo profundo apodera-se de mim e não consigo controlar o gemido que explode na minha garganta.

Ele não comete o erro de me tocar, mas, mesmo assim, a ameaça está lá. Que é exatamente o que ele quer que eu saiba. Pode ser ele que está atrás das grades, mas, neste momento, é ele quem tem o poder.

Ouç-o falar pela primeira vez e o meu corpo transforma-se em gelo. Pelo menos, espero que seja gelo. A única outra explicação é uma que nem sequer vou considerar.

– Alguém te magoou, ratinho?

A sua voz é tão vazia e dura como o seu olhar. Um abismo de segredos e mentiras. Ele mexe-se, sem me tocar, enquanto se inclina para a frente e inspira.

Está a cheirar o meu cabelo?

– É por isso que tens ar de quem quer ir a correr de volta, enfiar-se num buraco e esconder-se?

A troca de palavras é uma impossibilidade. Ele não parece importar-se, porque continua a falar.

– O que é que uma rapariga como tu faz num lugar como este? Hum?

Ele não está à espera que eu responda, por isso, não respondo. Acho que mesmo que tentasse não conseguia.